

Ressurreição e renovação

1. Na origem da renovação

Expressamos o tema do Curso On-line deste ano de forma mais ampla:

“Eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 21,5) – Como pode Cristo renovar todas as coisas e como nos abrimos a esta renovação da nossa vida monástica?

E acrescentamos uma explicação deste tema: “Com este tema nos interrogamos sobre a verdade da nossa vocação – *ad quid venisti?* – para sermos verdadeiramente discípulos de Cristo: “Se permanecerdes na minha palavra, sereis meus verdadeiros discípulos; conhecereis a verdade e a verdade vos livrará” (Jo 8,31-32).

Quando se exprime um tema de forma ampla, a razão é, antes de tudo, a consciência de que, em nós, este tema é mais uma pergunta do que uma resposta já encontrada, é mais uma busca do que a pretensão de já possuir a solução. Gostaríamos que este curso nos ajudasse, antes de tudo, a centrar a atenção sobre uma exigência que todos sentimos, nas nossas comunidades e diante de situações e escolhas que frequentemente nos perturbam e desorientam. Diante de diversas situações algo absurdas na vida da Ordem, com os membros do Conselho do abade geral entendemos que é realmente urgente fazermos-nos, juntos, perguntas fundamentais sobre nossa vocação, para enfrentar com lucidez a fragilidade generalizada, mas também para sustentar todos os germes de bem e de vida que sempre existem, às vezes evidentes e luminosos, mas frequentemente escondidos e que não aparecem com a evidência e o rumor com que se manifestam os problemas, as dificuldades e o mal.

Evidentemente tudo isso não é um problema interno da nossa Ordem ou das nossas Ordens e Congregações, e nem mesmo é um problema somente interior à Igreja. É uma situação epocal e global que nos interroga e nos provoca a todos. Por isso pedimos uma ajuda autoritativa a dois professores aos quais já agradecemos pela sua disponibilidade: Pe. Carlo Casalone, SJ, que nos ajudará a aprofundar o desafio no plano antropológico e espiritual das novas tecnologias, e a doutora Nina Heereman, biblista, que nos ajudará a aprofundar as raízes bíblicas e místicas da nossa vocação meditando sobre o Cântico dos Cânticos.

A minha tarefa é introduzir cada dia do nosso Curso com um breve capítulo que aprofunde o tema a partir sobretudo da Regra de São Bento e da nossa experiência e tradição monásticas. Quero, acima de tudo, aprofundar com vocês a pergunta “*ad quid venisti?*”, a pergunta que São Bernardo, desde a sua entrada no noviciado, se fazia para voltar sempre de novo ao início, à fonte da sua vocação, como se, para renovar-se, se devesse sempre iniciar do começo, se quisesse sempre um novo início.

Certamente, quando se fazia esta pergunta, São Bernardo tinha em mente quer a passagem evangélica na qual Jesus a faz a Judas, quer a passagem da Regra de São

Bento que cita esta frase de Jesus para exortar os sacerdotes que pedem para entrar no mosteiro a não pretenderem escapar das exigências da vida monástica. Meditemos, então, antes de tudo, sobre estes dois textos: no capítulo 26 do Evangelho segundo Mateus e no capítulo 60 da Regra de São Bento.

Na passagem de Mateus nos encontramos no Getsêmani. Jesus acabou de chamar três dos seus discípulos – Pedro, Tiago e João – a segui-lo para estar-lhe próximo, enquanto vive a sua agonia espiritual que envolve também o seu corpo fazendo-o suar sangue. “Minha alma está triste até a morte. Ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26,38). É como se lhes chamasse a segui-lo tão próximo a ponto de estar com a sua alma, de fazer-lhe companhia na profunda tristeza da alma, tão profunda que Jesus a define “até a morte”.

Quando fiz profissão solene em 1989, coloquei na imagem de lembrança exatamente essa frase de Jesus: “Ficai aqui e vigiai comigo”, porque entendia que ela descreve o coração da vocação monástica: trata-se, de fato, de ligar-se a um lugar, a uma comunidade, com o nosso voto de estabilidade, para “ficar”, para “morar” até a morte, ali onde o Senhor ora e se oferece ao Pai, vigiando com Ele em comunhão de amor.

O Getsêmani sempre foi, para Jesus e seus discípulos, o jardim reservado à oração, à intimidade com Deus e à sua fraterna comunhão no silêncio e na meditação. Ali Jesus retirava-se, longe das multidões, para repousar no Pai juntamente com os discípulos. Era um pouco o seu mosteiro cenobítico. Se no início do seu ministério Jesus se afastava, mesmo dos discípulos, para orar ao Pai na noite e em lugares desertos, com o tempo, talvez depois que um discípulo pediu finalmente a Jesus que lhes ensinasse a orar (cf. Lc 11,1), Jesus escolheu, pelo menos quando se encontrava em Jerusalém, partilhar estes retiros com os discípulos e também o lugar onde amava retirar-se. Talvez, pode-se dizer que no Horto das Oliveiras começou a vida monástica cristã, o habitar juntos para unirmo-nos à oração de Jesus Cristo.

Mas é também por isso que Judas conhecia aquele lugar e sabia que Jesus se encontraria ali na noite, indefeso e rodeado somente dos seus discípulos. Era, portanto, o lugar mais apropriado para capturá-lo. São João inicia o seu relato da Paixão exatamente dizendo isso: “Judas, o traidor, conhecia também aquele lugar, porque Jesus ia frequentemente para lá com os seus discípulos” (Jo 18,2).

É neste contexto, portanto, que podemos compreender o sentido da palavra de Jesus quando recebe o beijo de Judas, que o trai: “*Amice, ad quid venisti?* – Amigo, a que vieste?” (Mt 26,50). Nas versões atuais há várias traduções desta palavra de Jesus. Nós tomamos a tradução que São Bento recuperou da Vulgata: “Amigo, a que vieste?”.

Nesta palavra de Jesus a Judas há alguns elementos sobre os quais é importante refletir. Antes de tudo, o epíteto de “amigo”. O termo grego *hetairos* é usado no Novo Testamento somente por Mateus em quatro passagens do seu Evangelho que vale a pena ver brevemente.

Na parábola dos vinhateiros que um patrão chama em diversas horas do dia para trabalhar na sua vinha, quando, no fim da tarde, deve pagar-lhes, dá a todos o mesmo salário, mesmo a quem trabalhou só uma hora. Aqueles que trabalharam duro o dia todo murmuram descontentes. O patrão responde a um deles: “Meu amigo, não te faço injustiça. Não contrataste comigo um denário? Toma o que é teu e vai-te. Eu quero dar a este último tanto quanto a ti. Ou não me é permitido fazer dos meus bens o que me apraz? Porventura vês com maus olhos que eu seja bom?” (Mt 20,13-15).

Na parábola do rei que convida às núpcias de seu filho, em Mateus 22, os primeiros convidados não querem vir, e até mesmo maltratam e matam os servos que lhes convidam em nome do rei. No fim, o rei estende o convite a todos aqueles que os servos encontrarão pela estrada, não importa se bons ou maus, até que a sala esteja cheia. Quando o rei vai ver os comensais, encontra um que não porta o traje nupcial. O rei “perguntou-lhe: ‘Meu amigo, como entraste aqui, sem a veste nupcial?’ O homem não proferiu palavra alguma. Disse, então, o rei aos servos: ‘Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o nas trevas exteriores. Ali haverá choro e ranger de dentes’. Porque muitos são os chamados, e poucos os escolhidos” (Mt 22,12-14).

Notamos que em ambos os casos o título de “amigo” não corresponde a um laço de amizade ou de afeto pessoal. É muito mais um termo com o qual um superior recorda a um subalterno que a relação com ele, nascida por sua iniciativa – como dar-lhe trabalho quando está desempregado ou convidar-lhe às núpcias do filho sem que tenha direito –, há regras estabelecidas que devem ser respeitadas. Em ambos os casos, como quando Jesus dirá a Judas “Amigo, a que vieste?”, entre as duas pessoas há uma crise de relação, algo que não está bem, um motivo de descontentamento em comparação com o início da sua colaboração.

Mas como se iniciou o relacionamento? Este é um ponto importante para entender a frase de Jesus a Judas. O relacionamento nasceu por iniciativa de quem agora chama o outro de “amigo”, uma iniciativa que exprimia uma escolha, uma espécie de predileção, um chamado gratuito que, agora, aquele que é chamado de “amigo” parece não se recordar ou o está traindo. O homem chamado a trabalhar na vinha à primeira hora do dia se esquece que estava desempregado, que naquele dia teria ficado sem trabalho e sem o justo salário de um dia se o patrão não o tivesse chamado. Esquece que teve o privilégio de poder trabalhar graças ao patrão, que o procurou, o viu sem trabalho e o chamou à sua vinha.

O homem convidado às núpcias do filho do rei esqueceu que não merecia este convite. Mas, sobretudo, não lhe deu a importância que merecia. Aceitou porque queria comer e beber, mas não lhe importava nada das núpcias do filho do rei. Traiu o privilégio que o rei lhe concedia gratuitamente, sem nenhum mérito da sua parte.

Em suma, ambos estes homens não responderam de modo adequado e com gratidão ao chamado que receberam. Foram convidados por benevolência de um patrão e de um rei e, no seu modo de responder, esqueceram quem os chamava e a que os chamava.

Esta falta de correspondência entre o chamado e a resposta é expressa também na quarta passagem do Evangelho segundo Mateus que utiliza o termo *hetairos*. É quando Jesus diz: “A quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos sentados nas praças que gritam aos seus companheiros: “Tocamos a flauta e não dançais, cantamos uma lamentação e não chorais”” (Mt 11,16-17).

Aqui também: os moleques chamam alguns “companheiros” convidando-os a responder àquilo que propõem, mas os outros reagem de modo incoerente à proposta ou não reagem de forma alguma: tocam uma música festiva e aqueles não dançam; cantam uma canção triste e aqueles não batem no peito para exprimir contrição.

Há como que uma desilusão pela não correspondência àquilo que se oferece. É como dar um presente a alguém e receber uma reação indiferente ou mesmo hostil. Entendemos, então, que aquilo que está realmente em jogo, por trás das parábolas, é Cristo que nos chamou a segui-lo oferecendo-nos a sua amizade.